



## Língua na Rua: Margens do Sujeito<sup>1</sup>

*(The Language in the Street: The Margins of the Subject)*

Carolina P. Fedatto\*

### Resumo

Este artigo trata do funcionamento discursivo dos modos de designar o sujeito que está na rua. Partindo da análise das formas lingüísticas convocadas na enunciação da relação do sujeito com o espaço, mostramos como a política de sentidos da língua marca sua própria organização sintática por uma filiação ao discurso urbano. Carregado pelos sentidos da administração, o modo urbanizado de olhar para a cidade se transfere, por sua vez, para a circulação/fixação do sujeito na cidade. Ao mesmo tempo, pelo jogo de paráfrases entre as diferentes designações, observamos a irrupção do social onde a estrutura da língua se inscreve na história para significar.

**Palavras-chave:** designação, margem, adjuntos adnominais e adverbiais, discurso urbano, Análise do Discurso

### Abstract

This article is about the discursive functioning towards the ways of designating the subject who is on the street. Based on the linguistics format of the analysis evoked on the saying of the subjects in their relation to the space, it is shown how the meaning politics of the language marks its own syntactic organization for an affiliation to the urban discourse. Filled with the meanings of administrations, the urbanized way of looking to the city moves, also to mean the circulation/ fixation of the subject in the city. At the same time, by the paraphrastic game between different designations, we observed the social breakout where the structure of the language inscribes in the history to mean.

**Keywords:** name, margin, Assistant adnominals and adverbials, urban discourse, Analysis of Discourse

<sup>1</sup> Versão modificada de uma das análises de minha dissertação (FEDATTO, 2007). Uma reflexão preliminar foi apresentada no *II Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, Porto Alegre-RS: UFRGS, 2005.

\* Doutoranda em Lingüística (DL/IEL/Unicamp). Universidade Estadual de Campinas, Cidade Universitária "Zeferino Vaz": Rua Sérgio Buarque de Holanda, n. 571, CEP 13083-859, Campinas-SP-Brasil, Cx. Postal: 6045 – CEP 13083-970. Fone: 55-0xx19-35211511/1512. E-mail: [carolinafedatto@yahoo.com.br](mailto:carolinafedatto@yahoo.com.br)

O cruzamento de ruas é um momento de parada, de proximidade, de espera, de fluxo dos sujeitos urbanos; e um espaço de in-visibilidade, de intervalo, de interrupção em sua estrutura: trecho da cidade exposto a diferentes gestos de interpretação pela confusão, profusão, pela interseção de ruas, sujeitos, sentidos. O cotidiano da cidade nos mostra diferentes formas de *estar sujeito*: passando ou esperando: organizadamente; pedindo, vendendo, roubando, trabalhando, divertindo...: (im)previsivelmente. Espaço específico de interpretação de sentidos na cidade: lugar de observação e recorte de análise. Olho para os cruzamentos buscando compreender a textualização do sujeito no espaço, deixando-me atravessar pelos sentidos de social que a cidade faz circular. O sujeito na cidade, dentro e em meio, *às margens*. Meu modo de entrada nessas questões se ancora na circulação da linguagem e do sujeito: sua corporificação no espaço. A circulação possível da cidade em nossa organização social, uma circulação determinada pelo urbano (cf. ORLANDI, 2004), significa o espaço de forma a conter – *polissemicamente* – uma dispersão. É nesse sentido que enfocamos o cruzamento como espaço de contradição: enquanto *contenção* na cidade ele é sintoma de uma urbanidade *incontida*, que não cabe na cidade e na qual a cidade não cabe.

Proponho uma análise dos sentidos da cidade em processos de nomeação do sujeito. Como a rua os significa? Essa forma-sujeito que está nas ruas é designada, como veremos, de maneiras muito específicas. Compreender o sujeito (n)à cidade através da forma do nome, do chamar, do interpelar é considerar a equivocidade das questões sociais materializadas na própria língua. Problematizar a questão da designação é dar um passo na compreensão dessa especificidade. Conforme Guimarães (2005: 9), “a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história”. O processo de designação se mostra como um trânsito instável entre linguagem e objeto, como um cruzamento de discursos exposto à diferença (GUIMARÃES, 1995: 74). É pelo simbólico que temos acesso ao objeto, que construímos uma possibilidade de relação com o mundo. Se, linguisticamente, temos formas de nomear as pessoas que estão nas ruas é porque a relação do sujeito com o espaço é uma questão importante em nossa sociedade. Nomear é dar corpo para uma necessidade de entendimento, de conhecimento, de administração.

E a designação é o *processo discursivo de construção do referente*. Mas o que é a referência quando trabalhamos com a língua acontecendo, na história? Certamente não é uma relação direta entre a linguagem e a realidade. Tratar essa questão discursivamente é dar visibilidade para a produção da ilusão de objetividade e evidência de uma realidade, de um referente, como se um sentido já estivesse lá: como se o lugar ocupado pelas pessoas e o *espaço entre os carros, entre as calçadas, entre as ruas* significassem, *a priori*, de uma determinada maneira e a interpretação de possíveis re-ocupações/significações fosse somente uma. Como é construída essa unidade?

Dar visibilidade ao trabalho das discursividades que materializam na linguagem os limites imaginários do sujeito (n)à cidade nos permite compreender a produção consensual de sentidos para cidade: seus espaços e sujeitos. A nomeação, enquanto designação de significações, se constitui por relações de força, por disputas, por imposições, por silêncios. Funciona atestando a existência, designando, descrevendo, qualificando, explicando não só pelo que se diz: também pelo que não se diz. Instala-se no interdiscurso, *im-pedindo* outras significações, disfarçando as tensões e, ao mesmo tempo, dando corpo à fuga dos sentidos. Como se dá o processo de designação do sujeito-margem no espaço urbano? Meu olhar analítico recai sobre reportagens de jornal e matérias de televisão que circularam no ano de 2004. Em geral, o dizer da mídia trata o *espaço-vazio*, o *vão-livre* pela via de um preenchimento urbanamente significado: o sujeito que ocupa esse espaço é *marginal-izado* como uma questão a resolver. Daí meu interesse pela forma como esses sujeitos são nomeados: um dizer prolixo, explicativo, circular, difícil:

Adolescentes moradores das ruas, que perderam os vínculos familiares, vítimas potenciais da violência e do tráfico de drogas (*Correio Popular*, 02/02/2003)

Parcela da população mais vulnerável, que tem poucas chances de conseguir um meio de sobrevivência (*Jornal Hoje*, Rede Globo, 01/02/2005)

O jovem alijado do mercado de trabalho ou que passa o dia pedindo dinheiro nos semáforos (*Correio Popular*, 07/02/2003)

Essas nomeações tomam a forma da descrição e da caracterização. São nomes feitos de construções sintáticas que descrevem, localizam, determinam o sujeito e mostram a dificuldade que o discurso da urbanização tem em lidar com aquele que ocupa o espaço planejado para ficar vazio, não enxergando a rua como um lugar de

transbordamento do social, que reflete e faz funcionar a ordem própria da cidade. Esse é mais um modo de disfarçar os sentidos que produzem e reafirmam a explosão do social no espaço urbano. Esse *espaço-entre*, que junta e separa ao mesmo tempo, é repleto de significações. Recorto algumas nomeações para dar visibilidade à relação do sujeito com o espaço urbano. Sujeito e espaço se relacionam na linguagem, se textualizam na cidade:

Recorte 1:

Os meninos do sinal  
Estudantes e crianças de rua  
A garotada da rua  
Adolescentes de rua  
Adolescentes das ruas  
População de rua  
Meninos de rua  
Morador de rua  
O morador de rua

Recorte 2:

Crianças na rua  
Crianças em sinais  
Pedintes nos semáforos da cidade  
Adultos que viviam nas ruas  
População que vive nas ruas

O primeiro grupo de nomeações se caracteriza pela presença de *adjuntos adnominais*: complementos que caracterizam, especificam o nome. O segundo recorte traz nomes acompanhados por *adjuntos adverbiais*: circunstanciando, localizando indiretamente o nome. Indiretamente, pois o adjunto adverbial incide sobre um verbo intransitivo, que, presente ou ausente, intermediaria a relação entre o nome e o complemento *re-allocando* seus efeitos. Os adjuntos – adnominais e adverbiais – são *marcas, traços* da organização discursiva de onde podemos apreender *propriedades* da relação dessas nomeações com a exterioridade do discurso (cf. distinção de ORLANDI, 1983, entre marcas e propriedades). Quais são as propriedades do *discurso sobre* quem está na rua? Como podemos compreender os efeitos de sentido produzidos pelos adjuntos?

Essas formas de nomeação expõem a forte relação entre o sujeito e os espaços da cidade: rua, sinal, semáforo. Os adjuntos significam o nome colando o sujeito no espaço. *De rua, da rua, das ruas*. (Ad)juntam a falta. Ser da “rua [...] ser conhecido de todos; lugar habitual, imutável, ‘velho como as ruas’”. Criança de rua. Privada de

família. [...] Espaço que fica vazio. [...] Por metonímia designa o povo, conjunto de habitantes da rua”. (ORLANDI, 2003: 50). Sujeito *no* espaço, sujeito *do* espaço. *Que fica vazio. Habitual. Imutável.* Que muda pela presença dos sujeitos. Podemos distinguir duas propriedades dos adjuntos nessas nomeações: uma relação de pertencimento (*da rua*), outra de circunstancialidade (*na rua*). E vem junto com o nome a marcação do sujeito sem (*outro*) lugar: estar *na* rua, ser *da* rua. A rua é o seu lugar.

O semáforo traz diferentes modos de significação para o sujeito na cidade. O sinal verde abre passagem (para os carros) e espera para os que aguardam uma brecha (atravessar, abordar, passar pela faixa, por entre os carros, exhibir-se). Num *flash* as cores se alteram, o amarelo aparece impondo um intervalo *comum* nessa espera, um momento disputado por motoristas, pedestres, pedintes, vendedores, artistas, trabalhadores. Sinal fechado, vermelho: pedestres passam por ele, garotos que estão no cruzamento ocupam seus espaços, se exibem. Os pedestres passam por eles, os garotos. Eles, os garotos, *passam*. A decalagem entre o sinal verde e o sinal vermelho é uma alternância na interlocução da espera: quem espera o quê? Há sujeitos que fazem da parada no trânsito um espaço de circulação de diferentes sentidos na faixa de pedestres. Os garotos-malabaristas *não* são pedestres, *não* atravessam a rua, eles *estão* na rua. Podemos dizer que *estar na rua* traz equivocadamente uma relação de pertencimento. Mas a rua é significada como um espaço de passagem, de trânsito, não de permanência. Meninos *na* rua são meninos *de* rua?

Recorte 3:

Aqueles que trabalham em semáforos

A maioria das crianças que trabalha nas esquinas

24473 pessoas que moravam nas ruas

A população que vive nas ruas

318 crianças e 25 adultos que vivem nas ruas

Mendigos e menores que vivem nas ruas

População que vive nas ruas

Crianças que vendem mercadorias e pedem esmolas nos semáforos da cidade

Meninos que estiverem nos semáforos

Meninos que trabalham nas ruas da cidade

Esse conjunto de nomeações tem como regularidade as *construções relativas determinativas* seguidas por *adjuntos adverbiais*. Chamo atenção, primeiramente, para a construção: “*Aqueles que* trabalham em semáforos”. Retomando a análise de Pêcheux (1975), podemos dizer que a partir de relativas determinativas do tipo “aquele que... / o

que...” temos um “esvaziamento do objeto a partir da função” (p. 107), a determinação passa a remeter ao *indeterminado*, “*aquele que se torna equivalente a qualquer um que*”. Paráfrase que, na cidade, dá lugar ao comum, ao mesmo, ao muito: *excesso*. Aqueles que, qualquer um, todos: lutando por significação no espaço urbanizado. Notemos que nas nomeações acima temos adjuntos adverbiais (nos semáforos, nas ruas, nas esquinas) trazendo para a relação entre sujeito e espaço urbano a questão da *circunstancialidade*, da *provisoriedade*, é um *estar na rua*. Esse adjunto adverbial de lugar é uma possibilidade sintática dos verbos *trabalhar, morar, estar, viver, vender, pedir* e uma exigência política da urbanização. Podemos dizer que essa colagem do sujeito no espaço é a forma urbanizada de significação do sujeito marginal-izado.

Malabaristas, vendedores de bala, distribuidores de panfleto, limpadores de pára-brisa. Há também outros modos de nomear o sujeito que fica no cruzamento. As matérias de jornal que compõem meu material de análise, em geral, não os nomeiam trazendo os sufixos nominais *-or* (“agente, instrumento de ação”) ou *-ista* (“que pratica certo ofício, tem certa ocupação”). Dizer que quem está na rua é *trabalhador, vendedor, artista, malabarista* descola o sujeito do espaço, desdiz que ele é da rua dizendo que ele tem um trabalho (ainda que feito na rua). Fazer alguma coisa na rua é diferente de estar, ficar, na rua. Nunes (2006), analisando os efeitos de uma placa (de trânsito) colocada num cruzamento de ruas com os dizeres “Não dê esmolas. Dê futuro”, compreende que há um deslocamento da discursividade religiosa (dar esmolas) para um sentido administrativo-assistencial (dar futuro: oportunidade, emprego, estudo). Nunes analisa essa escrita nos cruzamentos e seus efeitos de *pós-escrito*. Num primeiro momento, o espaço antes amontoado de sujeitos se mostra esvaziado pelos dizeres imperativos da placa: o discurso administrativo dissipa os sentidos de caridade e piedade. Mas, algum tempo depois, o espaço e o dizer da placa são reinterpretados e fazem emergir os sentidos de trabalho, mercadoria, diversão pela re-ocupação dos cruzamentos através de atividades como venda, panfletagem, malabares. Esse deslize do discurso religioso (dar esmolas) para o discurso administrativo (dar futuro) também funciona nas formas de nomear os sujeitos da/na rua. Podemos dizer que, nas paráfrases propostas a seguir, os sentidos do administrativo tornam-se equívocos:

A maioria das crianças que trabalha nas esquinas/ Os trabalhadores  
População que vive nas ruas/ Os habitantes  
Meninos que estiverem nos semáforos/ Os passantes, os transeuntes

## 24473 pessoas que moravam nas ruas/ Os moradores

Não há como significar o sujeito que *está na rua* sem dizer onde ele está, isto, é, dizendo apenas sua função social. As denominações acima podem ser formuladas como: os trabalhadores *das* ruas, os habitantes *das* ruas, os moradores *das* ruas; mantendo, assim, a especificidade dos sujeitos marginal-izados. Mas, quando substituímos os adjuntos adnominais (que têm como propriedade estabelecer uma relação de pertencimento do sujeito com a rua) por adverbiais (que produzem um efeito de provisoriabilidade na relação sujeito-rua): os trabalhadores *nas* ruas, os habitantes *nas* ruas, os moradores *nas* ruas; as relações urbanas se confundem, os espaços não se delimitam bem, apagam-se as diferenças entre pedintes e trabalhadores, entre mendigos e moradores. E a língua textualiza essas diferenças, mostrando que determinadas funções – sintáticas – só podem ser exercidas por determinados sujeitos – urbanos, urbanizados: *trabalhadores!*

Mas como a cidade encara o fato da permanência desses sujeitos na rua? Vimos que o urbano busca conter o sentido da rua enquanto lugar possível para o sujeito e, considerando que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 1997: 304), podemos dizer que a cidade, por sua vez, resiste, que o sujeito resiste, *ficando na rua*. Mas como ele fica?

## Recorte 4:

Crianças pedindo dinheiro nas esquinas

Adolescentes assaltando motoristas em sinais de trânsito

Crianças e adolescentes trabalhando nos semáforos e ruas

O gerúndio será uma regularidade importante para compreendermos a tensa relação entre pertencimento e circunstancialidade do sujeito nas ruas. É interessante notar que esse gerúndio textualiza um modo de marcar a *temporalidade*, uma duração repetida, uma continuidade: são crianças e adolescentes *pedindo*, *trabalhando*, *assaltando*. A temporalidade e a espacialidade do sujeito são construídas por nomeações que impõem a marca do *urbano* na cidade. O tempo caracteriza o sujeito pela possibilidade de repetição, recorrência, reincidência: *reincidente*. Mas o espaço o significa como circunstancial, provisório (*nas esquinas, em sinais de trânsito, nos semáforos e ruas*). Esse jogo entre tempo e espaço constitui urbanamente o sujeito na cidade. O sujeito que está na rua é conformado e repellido pelo discurso da urbanidade.

O sujeito como margem na rua é significado como um cenário, já urbano, às vezes por resolver.

Mas a possibilidade do deslize entre adjuntos adnominais (pertencimento) e adjuntos adverbiais (circunstancialidade) mostra a polissemia do espaço da rua e desloca a inscrição do sujeito marginal-izado no urbano. É dessa forma, numa relação tensa com o espaço, que ele é administrado e, ao mesmo tempo, escapa à urbanização. Por estar *na rua*, por ser *da rua*, é que o sujeito é marginal-izado. E, paralelamente, é por ser marginal-izado que o sujeito está *na rua*, é *da rua*! A circularidade da definição permite que a presença/permanência do sujeito na rua coloque em causa a maneira urbanizada de lidar com o social. Com esta análise vemos que o processo de nomeação do sujeito na/da rua constrói *equivocamente* uma relação com *o espaço urbano*. O sujeito no *meio* da rua ressoa outros sentidos de *margem*. Estando na rua, ele é afetado pelos sentidos urbanos para a rua (a rua como lugar de passagem) e também ele afeta a rua com sua presença (o cotidiano nos mostra cada vez mais que a rua é um lugar – permanente – para muitos sujeitos).

A consideração da dispersão do sentido e do sujeito é ponto fundamental para o trabalho discursivo. Se a materialidade do significante coloca limites (não é qualquer sentido que faz sentido), ela também dá brechas (o não-sentido, atado ao corpo da história, pode vir a fazer sentido). Vimos que o discurso urbano busca conter o movimento de sentidos e sujeitos através da organização, que impõem suas técnicas ao cotidiano das relações cidadinas. Mas a cidade tem seu funcionamento, sua ordem própria que *reinterpreta em social* o já-interpretado pelo urbano. O jogo dos sentidos se refaz no embate com a cidade, o sujeito disputa seus espaços desviando do imaginário urbano, se ancorando na possibilidade da diferença que o social instala. E a língua funciona aí de maneira decisiva: como lugar de resistência.

### Résumé

Cet article aborde le fonctionnement discursif de la désignation du sujet qui est dans la rue. À partir de l'analyse des formes linguistiques convoquées dans l'énonciation du rapport entre le sujet et l'espace, on montre comment la politique de sens de la langue marque sa propre organisation syntaxique par une filiation avec le discours urbain. Chargé des sens de l'administration, le mode urbanisé de voir la ville se transfère, à son tour, à la circulation/fixation du sujet dans la ville. À la fois, par le jeu de paraphrases entre les différentes désignations, on observe l'irruption du social là où la structure de la langue s'inscrit dans l'histoire pour faire sens.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEDATTO, C. (2007) *Margens do sujeito no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzy Lagazzi-Rodrigues, 2007.
- GUIMARÃES, E. (1995) *Os limites do sentido*, Campinas-SP: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas-SP: Pontes, 2005.
- NUNES, J. H. (2006) Escrita e subjetivação na cidade. In: MARIANI, B. (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos-SP: Ed. Claraluz, 2006.
- ORLANDI, E. (1983) *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas-SP: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. (org.) *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas-SP: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. *Cidade dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1997.

---

Data de Recebimento: 07/04/2009  
Data de Aprovação: 15/06/2009

**Para citar essa obra:**

FEDATTO, Carolina P. Língua na Rua: Margens do Sujeito. RUA [online]. 2009, no. 15. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

**Telefone/Fax:** (+55 19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>